

A EXPRESSÃO DA NOÇÃO ADJETIVAL NA LÍNGUA APINAJÉ E EM OUTRAS
LÍNGUAS JÊ SETENTRIONAIS*

Julia Isabelle da Silva¹

Christiane Cunha de Oliveira²

Faculdade de Letras/UFG

evanesju@hotmail.com

christiane.de.oliveira@hotmail.com

Palavras-chave: Línguas Jê; categoria lexical; tipologia.

* Revisado pela orientadora.

¹ PIBIC 2010-11. Acadêmica do curso de Letras (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás.

² Doutora em Linguística pela University of Oregon (EUA). Docente dos cursos de Letras e Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás.

1. INTRODUÇÃO

Toda língua dispõe de mecanismos formais por meio dos quais visões singulares de mundo são expressas e transmitidas às gerações seguintes. A noção adjetival constitui um conceito lexical, o qual diz respeito à maneira como uma sociedade recorta seu universo experimental em termos de categorização linguística (Givón, 2001). Tal noção pode ser, no entanto, categorizada de diferentes maneiras entre as línguas do mundo. De acordo com Dixon (1977), o adjetivo nem sempre se constitui como categoria lexical independente nas línguas. Segundo o autor, muitas vezes a noção adjetival pode ser expressa por meio de uma categoria nominal, ou mesmo de uma categoria verbal, dependendo do sistema linguístico em questão.

Nesse sentido, este artigo apresenta uma análise comparativa de como a noção adjetival é expressa na língua indígena Apinajé e em outras línguas da família linguística Jê, especificamente do ramo Setentrional. Para tanto, serão consideradas propriedades e processos morfológicos, sintáticos e semânticos característicos de cada língua, que possam fornecer um entedimento mais amplo a respeito do tratamento do fenômeno nas línguas Jê Setentrionais e, assim, o reconhecimento de uma categoria ou mesmo de uma sub-categoria responsável pela expressão da noção adjetival nessas línguas.

2. OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo central apresentar uma visão panorâmica dos mecanismos de expressão da noção adjetival em línguas Jê do ramo Setentrional. Busca identificar critérios de ordem morfológica, sintática e semântica internos a cada sistema linguístico, que evidenciem uma categoria própria de adjetivos ou mesmo de uma outra categoria que expresse tais noções nessas línguas, de maneira geral.

De um ponto de vista teórico, pretende-se compreender os mecanismos linguísticos dos quais o sistema do Apinajé e de outras línguas Jê fazem uso para expressar formalmente certos domínios conceituais, como é o caso das noções adjetivais. Dentro dessa mesma perspectiva, pretende-se também apresentar dados diversificados, provenientes de línguas distintas, e relevantes para os estudos em linguística tipológico-funcionalista. Por fim, espera-se que este estudo possa servir de embasamento à produção de material didático em escolas indígenas, de forma a contribuir para a vitalidade da língua e da cultura de suas comunidades.

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada no desenvolvimento da pesquisa consistiu, basicamente, de levantamento bibliográfico; de discussões e estudos de cunho comparativo; de leitura de material teórico e de análise sobre os dados das línguas pertencentes à família linguística Jê, ramo Setentrional. Durante o desenvolvimento da pesquisa, tornou-se relevante incorporar o estudo de outras línguas (geneticamente próximas à língua Apinajé), de forma que se pudesse alcançar um resultado mais abrangente a respeito do fenômeno. A metodologia de cunho comparativista foi proeminente durante a pesquisa, proporcionando, então, mudanças no escopo do plano de trabalho inicial, o qual focava apenas o sistema linguístico Apinajé.

O levantamento bibliográfico feito considerou as línguas geneticamente mais próximas ao Apinajé, de forma que os dados encontrados pudessem subsidiar análises alternativas sobre o fenômeno. Assim, foram investigadas línguas pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, especificamente as línguas da família Jê, do ramo setentrional. Concomitante à pesquisa de tais línguas, foram realizados encontros semanais com o grupo de pesquisa Línguas Indígenas e o Funcionalismo Tipológico (LIFT), coordenado pela professora orientadora Christiane C. de Oliveira, onde eram apresentados e debatidos os resultados preliminares das pesquisas feitas até então.

Depois de comparar as análises das demais línguas (Castro Alves, 2004; Dourado, 2001; Ferreira, 2003; Guedes, 1993) com a análise feita por Oliveira (2003; 2005), sobre o Apinajé, foram feitas leituras de cunho teórico sobre conceitos de tipologia linguística e a expressão das noções adjetivais em diferentes línguas do mundo (Comrie, 1989; Dixon, 1977). Por último, investigou-se de maneira mais detalhada, as análises de Oliveira (2003; 2005) sobre a expressão da noção adjetival no Apinajé, tendo em vista as análises das demais línguas, feitas por outras pesquisadoras, e os estudos tipológicos conferidos.

4. RESULTADOS

4.1 Pressupostos teóricos

Os estudos tipológicos que tiveram início com os trabalhos de Sapir e Whorf (1929;1956 *apud* Duranti,1997), demonstram que diferentes línguas classificam a realidade de diferentes maneiras, organizando noções culturais em categorias linguísticas. Para os autores,

as línguas distinguem-se umas das outras na medida em que representam sociedades distintas, que vivem em mundos distintos. Nas palavras de Whorf:

Gramáticas marcadamente diferentes apontam para diferentes tipos de observação e diferentes avaliações que os falantes de uma língua fazem do mundo (Whorf, *apud* Duranti, 1997).

Trata-se, portanto, de uma categorização do universo, em termos cognitivos, que tem repercussões estruturais, em termos morfosintáticos, nas diferentes línguas do mundo. De acordo com Givón (2001), conceitos lexicais referem-se à convencionalização (genérica) de experiências compartilhadas, podendo representar entidades relativamente estáveis no tempo, como objetos, animais, pessoas (ou seja, *nomes*), ou representar ações temporárias, eventos, processos (*verbos*), e ainda uma qualidade estável no tempo ou um estado temporário (*adjetivos*). Segundo o autor, os adjetivos constituem conceitos os quais se referem às propriedades dos nomes, descrevendo: (a) propriedades físicas estáveis (tamanho, peso, cheiro, sabor, forma, cor, textura, etc); (b) estados não-físicos/traços de caráter (bom, mau, prestativo, impaciente, corajoso, etc); (c) estados temporários (temperatura (frio, quente), sentimentos (feliz, triste), saúde (saudável, doente), etc).

Para Comrie (1989), uma abordagem tipológica dos estudos da linguagem deve considerar sempre um amplo número de línguas a serem analisadas. A partir desse pressuposto, busca-se então a variação tipológica entre as línguas, identificando tipos possíveis de expressão para um mesmo conceito abstrato. No que se refere às classes de palavras encontradas entre as línguas do mundo, a classe dos *nomes* e dos *verbos* parece constituir categorias universais, na medida em que têm sido constatadas em todas as línguas estudadas até o presente (Givón, 2001 Dixon 1977). No entanto, as noções adjetivais nem sempre constituem uma classe de palavra própria, podendo ser expressas por meio da categoria dos nomes, em algumas línguas, ou através da categoria (ou uma sub-categoria) dos verbos, em outras.

Em seu trabalho sobre os adjetivos, Dixon (1977:31) subcategoriza os adjetivos do inglês em sete tipos semânticos: dimensão; propriedade física; cor; propensão humana; idade; valor e velocidade. O autor chama a atenção para o fato de que o reconhecimento das classes de palavra de uma língua deve ser feito mediante o estabelecimento de critérios morfológicos e sintáticos internos ao sistema linguístico em questão. O autor considera ainda que o reconhecimento de correspondências entre línguas diferentes sobre determinada classe de palavra deve envolver também critérios semânticos e, até mesmo, sintático-universais.

4.2 A presença dos adjetivos em Apinajé e em outras línguas Jê do ramo Setentrional

Pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê, a família lingüística Jê é constituída de treze línguas e se distribui desde os estados do Piauí e Maranhão até o estado do Rio Grande do Sul. Na literatura (ver Rodrigues, 1993) pode ser sub-dividida entre aquelas que se localizam mais ao sul (meridionais), no centro (centrais) e no norte (setentrionais) do território nacional. Especificamente, no que concerne às línguas do ramo setentrional, estas parecem não apresentar, em geral, uma categoria lexical específica para expressar noções adjetivais. As análises a seguir, referem-se aos trabalhos de Castro Alves (2004), sobre o Canela Apãniekrá; Dourado (2001), sobre a língua Panará; Ferreira (2003), sobre o Gavião Parkatejê; e Oliveira (2003), sobre o Apinajé. Para a identificação de uma possível classe de adjetivos, as análises das línguas em foco foram feitas mediante o uso dos critérios sugeridos por Dixon (1977): o morfológico, o sintático e o semântico.

4.2.1 Língua Gavião Parkatejê

A análise de Ferreira (2003) sobre a língua Gavião Parkatejê considera que esta não apresenta propriedades morfológicas e sintáticas suficientes para a caracterização do adjetivo como classe distinta na língua. Segundo a autora, a categoria responsável pela expressão das noções adjetivais compartilha propriedades morfosintáticas com outros verbos da língua, especificamente com os verbos intransitivos. Dentre elas, está o recebimento de partículas de aspecto (ver exemplo 1) e, assim como os verbos ativos, sua construção em forma de negação (2).

(1) ri i- katɔr (Ferreira, 2003: 90)

Já 1- chegar-Pas

(2) i - nkrik inũare (Ferreira, 2003: 91)

1- estar.zangado Neg

Para Ferreira (2003), o Parkatejê expressa noções adjetivais por meio de uma subcategoria dos verbos intransitivos, os verbos descritivos. Estes podem funcionar tanto

como modificadores de nomes quanto de verbos, tendo então função especificadora (propriamente adjetival) e atributiva (de verbo), nessa língua (Ferreira, 2003:90).

4.2.2 Língua Canela Apãnierká

De acordo com Castro Alves (2004), na língua Canela Apãniekrá os verbos não-ativos, os quais referem-se às ações não controladas pelo ‘sujeito’ (3), também são os responsáveis pela expressão dos sentidos adjetivais. Nesses casos, os ‘sujeitos’ dos verbos não-ativos podem ser expressos por elementos nominais ou pronomes dependentes, atrelados à raiz verbal (4). No entanto, verbos intransitivos que codificam sentimentos psicológicos ou fisiológicos têm seu ‘sujeito’ marcado pela posposição do dativo m̃ (ver exemplos 5 e 6).

(3) ka ha a-pəm (Castro Alves, 2004:58)

2 IRR 2-cair
‘Você vai cair’

(4) rəp mpej (Castro Alves, 2004:58)

cachorro estar.bom
‘O cachorro é bom’.

(5) i-mã kri (Castro Alves, 2004:60)

1-DAT sentir.frio
‘Eu estou com frio’.

(6) ku-mã k̃n (Castro Alves, 2004:60)

3-DAT sentir.alegria
‘Ele está alegre’.

4.2.3 Língua Panará

Segundo Dourado (2001), em Panará os adjetivos constituem uma classe de palavra na língua, assim como os nomes e os verbos, apesar de não se aproximar de um modelo prototípico. Para distinguir a classe de adjetivos da classe dos nomes em Panará, a autora

aponta alguns aspectos morfossintáticos dos nomes, os quais não aparecem na categoria dos adjetivos: (a) podem ocupar o núcleo de argumentos dos verbos, (b) podem ser objetos de posposições, (c) podem ser modificados por quantificadores, (d) podem receber morfologia de número. Nenhuma dessas propriedades, no entanto, é exemplificada para que se possa ter a confirmação da análise. Caberia, então, demonstrar com dados da língua a ocorrência de tais propriedades.

Dourado (2001:36) afirma ainda que os adjetivos, assim como os nomes, classificadores, quantificadores, o advérbio de negação ‘piɔ’ e a posposição ‘hɔw’, podem funcionar como núcleo do predicado. Nesse caso, receberia a morfologia flexional dos verbos intransitivos, em que o sujeito é marcado pelo caso absolutivo (7 e 8).

(7) pɾiara yi =rã =(rã) kiɔ (Dourado, 2001)

Crianças.ABL REAL.INTR=3PL.ABS=quente

‘As crianças estão com febre’.

(8) ĩkiey yi =∅ =rãprə (Dourado, 2001)

Mulheres.ABL REAL.INTR=3SG.ABS=vermelho

‘A mulher está pintada’.

A autora não apresenta, porém, nenhum exemplo que se refira às outras classes ocupando a função de núcleo de um predicado. Não fica claro de que maneira estes elementos, com exceção dos nomes, funcionariam em tal posição. No entanto, o uso de morfologia flexional pelos adjetivos sugere uma possível análise de noções adjetivais expressas por adjetivos nessa língua.

4.2.4 Língua Apinajé

Segundo Oliveira (2003), o sistema lingüístico Apinajé não possui uma categoria lexical de adjetivos. Segundo a autora, tais noções são expressas por meio de uma subcategoria dos verbos monovalentes, o que ela chamou de ‘*descritivos*’. Estes podem compartilhar propriedades morfossintáticas tanto com os verbos quanto com os nomes, os quais constituem classes de palavras na língua (Oliveira, 2005). Dessa forma, para a identificação de uma possível classe de adjetivos, Oliveira (2003) identificou, dentre outros

aspectos, a capacidade dos descritivos de aparecerem em construções imperativas, algo específico da classe dos verbos na língua. Em orações dessa natureza, os descritivos se diferenciam dos outros verbos intransitivos na medida em que somente os primeiros fazem uso de prefixos pessoais (9 e 10).

(9) kij α-tujaro (Oliveira, 2003:270)

HRT 2-grávida

‘Engravide logo!’

(10) kij α-kabro (Oliveira, 2003:270)

HRT 2-mestruada

‘Menstrue logo!’

5. DISCUSSÃO

As análises apresentadas por Castro Alves (2004), Dourado (2001), Ferreira (2003) e Oliveira (2003) consideram aspectos diferenciados para a identificação da categoria responsável pela expressão adjetival, na medida em que se referem a sistemas distintos, particulares de cada língua. No entanto, a comparação das análises mostra que as línguas apresentam propriedades morfossintáticas em comum, as quais contribuem para evidenciar uma categoria ou não de adjetivos em línguas Jê Setentrionais. Dessa forma, foram identificados os seguintes aspectos morfossintáticos compartilhados entre as línguas analisadas:

5.1 Prefixos Pessoais

Em Apinajé, os prefixos pessoais codificam primeira, segunda e terceira pessoa, e fazem referência ao objeto de posições, ao possuidor em nomes e ao argumento absoluto dos verbos (Oliveira, 2005:180). De acordo com Oliveira (2003), um dos aspectos que distinguem os descritivos dos outros verbos intransitivos é a sua capacidade de receber marcação de pessoa em sua raiz, a qual deve concordar com o pronome livre da oração (11 e 12):

(11) na pa it-kengra (Oliveira, 2003:246)

RLS 1 1-cansado

‘Eu estou cansada.’

(12) na ka ra a-kengra (Oliveira, 2003:246)

RLS 2 já 2-cansado

‘Você já está cansada.’

A mesma característica se manifesta em línguas como o Parkatejê. Segundo Ferreira (2003), os pronomes dependentes podem funcionar como argumento S de verbos intransitivos não-ativos (13 e 14):

(13) i-nkrik inũare (Ferreira, 2003:90)

1- estar zangado NEG

‘Eu não estou zangado.’

(14) mũ a-nkrik inũare (Ferreira, 2003:90)

ROG 2- estar zangado NEG

‘Você ficou zangada.’

5.2 Clíticos de diminutivo e aumentativo

Em algumas línguas Jê, como o Apinajé e o Gavião Parkatejê, os clíticos *re* e *ti* representam, respectivamente, os morfemas de diminutivo e aumentativo (Ferreira, 2003; Oliveira, 2003). Ocorrendo com elementos nominais, os clíticos, em Apinaje, fazem distinções semânticas entre nomes que pertencem a uma mesma categoria conceitual, como a categoria de animais ou de plantas, derivando outros nomes na língua (Oliveira, 2003) (ver exemplos 15 e 16).

(15) agre=ti ‘zumbi’ (Oliveira, 2003:257)

(16) agre=re ‘rabo de couro’ (Oliveira, 2003:257)

Ainda segundo Oliveira (2003), os clíticos podem funcionar como indicadores de `atos de fala`, quando em posição final de oração, expressando atitudes e sentimentos do falante, como repreensão, afeição, diversão e etc; (ver exemplo 17). As mesmas funções parecem ser reconhecidas também em Parkatejê. De acordo com Araújo (1989:92 *apud* Ferreira, 2003), em Parkatejê, `os substantivos e verbos estativos têm em comum o combinar-se com o sufixo de tamanho, embora este tenha função derivacional junto às bases nominais e enfática ou de acordo junto as verbo-estativas adjetivas`. No exemplo (18), o morfema –ti intensifica o estado fisiológico do sujeito expresso pelo descritivo, enquanto que nos exemplos (19) e (20), o -re e o -ti expressam propriedades físicas dos sujeitos.

(17) jari na ča re (Oliveira, 2003)

DEM.PROX RLS estar/ficar em pe DIM

`Lá está [o passarinho bonitinho]!`

(18) i- mǎ kakrɔ -ti (Ferreira, 2003)

1- Dat estar.quente –Intens

`Eu estou com muito calor` ou `Eu estou com muita febre`.

(19) mǔ tik -ti (Ferreira, 2003)

morrer –Aum

`Ele morreu`. (um bicho ou uma pessoa gorda)

(20) mǔ tik -re (Ferreira, 2003)

morrer -Dim

`Ele morreu` (uma pessoa ou um bicho magro)

5.3 Causativização

Alguns autores, tais como Castro Alves (2004) e Oliveira (2003), têm considerado a causativização como um critério de identificação dos descritivos como uma categoria lexical da língua. Segundo Comrie (1989), nas construções causativas o verbo causativo aparece

acompanhado por um argumento (geralmente, um sintagma nominal) responsável por expressar a pessoa ou a coisa que ocasionou aquela ação, derivando verbos transitivos de intransitivos. Em Canela Apãniekrá, o morfema -tɔ (derivado do verbo tɔ `fazer`) funciona como clítico causativizador em predicados intransitivos não-ativos (Castro Alves, 2004) (21 e 22).

(21) ko kakɔ (Castro Alves, 2004)

água estar-quente

`a água está quente`.

(22) a-te ko tɔ= iʔ-kakɔ (Castro Alves, 2004)

2-ERG água CAUS=3-estar.quente

`você esquentou a água`.

Na língua Apinajé, Oliveira (2003) considera também ser o clítico causativizador (t)ɔ derivado do verbo -ɔ `fazer`. A autora chama a atenção, no entanto, para o fato de que, enquanto os verbos intransitivos não apresentam prefixos relacionais, os descritivos, assim como os verbos transitivos, incluem o prefixo relacional entre o clítico -ɔ e a raiz, quando causativizados (23a e 23b, 24a e 24b, 25a e 25b). Nesse sentido, para Oliveira (2003), a capacidade de causativização dos descritivos pode ser considerada um fator que distingue os descritivos dos nomes e dos outros intransitivos da língua.

(23) verbos intransitivos glosa (Oliveira, 2003)

(23a) itkõ `beber`

(23b) apeč `terminar`

(24) verbos transitivos glosa (Oliveira, 2003)

(24a) -t-ɔ= itkõ `beber algo`

(24b) -t-ɔ= apeč `terminar algo`

(25) descritivos			(Oliveira, 2003)
Forma base	glosa	Forma causativizada	glosa
(25a) jakri	`estar com frio`	ɔ=j-akri	`esfriar`
(25b) dət	`estar cheio`	ɔ=dət	`encher`

5.4 Relativização

De acordo com Castro Alves (2004) e Oliveira (2003), uma das evidências que permitem classificar a categoria responsável pela expressão das noções adjetivais em Canela Apãniekrá e Apinajé como uma sub-categoria dos verbos intransitivos é a sua capacidade de relativização, quando em função atributiva. Segundo Oliveira (2003), em Apinaje, os descritivos usados em construções atributivas são precedidos pelo nome e por um prefixo relacional, com os quais forma um constituinte (ver 26 e 27):

(26) na pa [go.j akri] ɔ amɲĩ krẽ kaʔõ (Oliveira, 2003)

RLS 1 água fria INSTR RFLX cabeça lavar

“Eu lavo minha cabeça com água fria”.

(27) pa na pa a-mã [kawə kaprə] gõ (Oliveira, 2003)

1 RLS 1 2-DAT cesta vazia dar

“Eu mesmo dei a você a cesta vazia”.

Quando em posição atributiva, os descritivos podem participar de orações relativizadas. Segundo Oliveira (2003), a relativização da oração pode ser atestada pelo fato de, diferentemente das demais construções atributivas, não receberem os prefixos relacionais marcadores de contiguidade entre o descritivo e o nome, e apresentarem o relativizador čwəɲ (28), (29) e (30):

(28) bi [ɔmduj] čwəɲ ja a- ta na pre me ra ačy (Oliveira, 2003)

homem mau RLVZ ART 2-DEM RLS PST PL ASP prender

“Este homem (próximo a você), que é mau, eles já o prenderam”.

(29) rɔp [ʌ ri pɑ] ɕwəŋ ja a ta kɔt ja dɔki j ti (Oliveira, 2003)
cachorro doente LOC andar REL ART 2-DEM IRLS DEM logo morrer
“Este cachorro (próximo a você), que tem estado doente, morrerá logo”.

(30) bi [ra kengra] ɕwəŋ ja na grɛ nɔ ɕwəŋ ja (Oliveira, 2003)
homem ASP cansado RLVZ ART RLS cantor ART
“Este homem, que já está cansado, é o cantor”.

A relativização ou não dos verbos não-ativos em função atributiva pode ter uma fundamentação de ordem semântica. Para Castro Alves (2004) e Oliveira (2003), os verbos não-ativos podem ser subcategorizados de acordo com o seu tipo semântico (Dixon, 1977). Levando-se em conta, porém, a classificação de Givón (2001) para as noções adjetivais, verifica-se que, enquanto os descritivos das orações não relativizadas expressam propriedades físicas estáveis (ver exemplos 26 e 27), os descritivos das orações que sofrem relativização expressam estados não-físicos/traços de caráter (conferir 28) e estados temporários (29 e 30).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, pôde-se observar que a noção adjetival não representa uma categoria lexical própria nas línguas Jê Setentrionais, de maneira geral. A expressão dos sentidos adjetivais na língua Apinajé, e em outras línguas Jê, é expressa por meio de uma sub-categoria dos verbos, os verbos não-ativos ou descritivos. A análise comparativa dessas línguas, feita por meio da identificação de aspectos morfossintáticos e semânticos internos a cada sistema linguístico, permitiu reconhecer uma série de propriedades compartilhadas entre os sistemas.

Os descritivos podem ser compreendidos como uma sub-categorização dos verbos intransitivos da língua na medida em que apresenta uma série de propriedades específicas da categoria verbal. Dessa forma, os descritivos podem sofrer, por exemplo, processos como a relativização da oração quando em função atributiva, e podem ser causativizados pelo clítico *to* 'fazer'. O uso de prefixos relacionais entre o clítico e a raiz causativizada, além do uso de prefixos pessoais atrelados à raiz verbal de natureza descritiva permitem identificar os descritivos como uma categoria diferenciada dos outros intransitivos da língua.

Embora os descritivos compartilhem propriedades morfossintáticas com a classe dos nomes, como o uso dos clíticos de aumentativo *tí* e diminutivo *re*, a função que esses elementos desempenham junto aos descritivos se distancia daquela desempenhada para os nomes. Assim, enquanto os clíticos junto aos nomes têm função derivacional, aqueles que aparecem em orações descritivas têm um papel pragmático dentro da língua, indicando atitudes e sentimentos do falante.

Todavia, na língua Panará, as noções adjetivais são expressas por elementos que não apresentam características nem da classe dos verbos, nem da classe dos nomes. Apesar de receber morfologia flexional de dativo quando núcleo de predicado, esses elementos são considerados adjetivos na análise de Dourado (2001). A fluidez com que a noção adjetival se apresenta dentre as categorias lexicais das línguas analisadas sugere que, possivelmente, a categorização da noção adjetival esteja passando por um processo de evolução diacrônica nessas línguas, sendo que o que era categorizado como adjetivo, como no caso da língua Panará, tenha evoluído em direção à categoria dos verbos, classe mais produtiva. A distância geográfica entre as comunidades linguísticas pode ser também um fator que esteja condicionando categorizações distintas entre línguas geneticamente próximas.

7. REFERÊNCIAS

- CASTRO ALVES, F. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology* (2º ed.). Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- DIXON, R.M.W. *Where have all the adjectives gone?* Australian National University, 1977, pp. 19-80.
- DOURADO, L. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.
- DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERREIRA, M. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Federal de Campinas, 2003.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. (vol.1). Amsterdam: John Benjamins, 2001.

- GUEDES, M. *Suyá: a língua da gente – “um estudo fonológico e gramatical”*. Tese de doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 1993.
- OLIVEIRA, C.C. “Lexical categories and the status of Descriptives in Apinajé (Jê)”. *International Journal of American Linguistics*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003, pp.243-274.
- _____. *The Language of the Apinajé people of Central Brazil*. Tese de doutorado. Eugene: University of Oregon, 2005.
- RODRIGUES, D.A. *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.